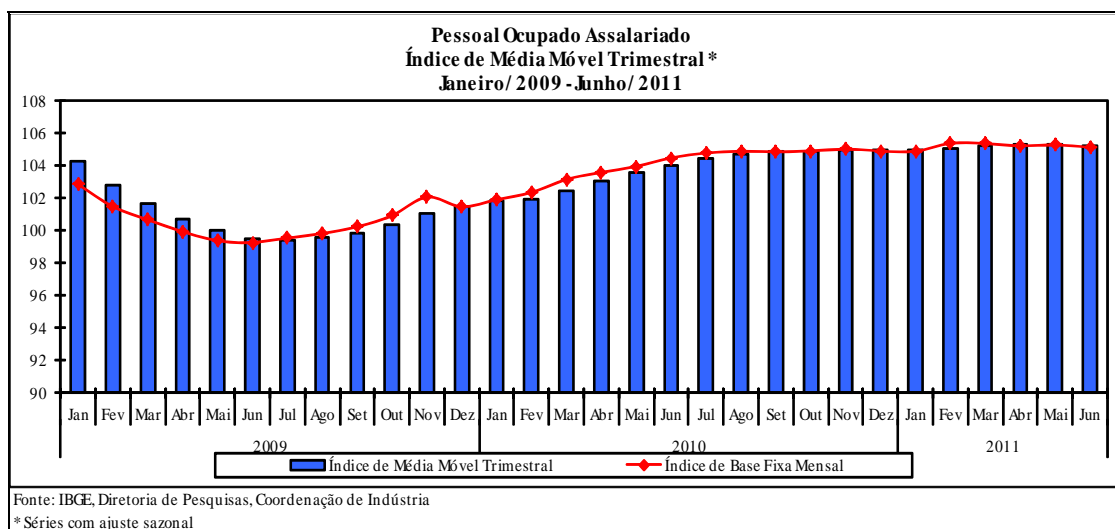


COMENTÁRIOS

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Em junho de 2011, o emprego industrial mostrou variação negativa de 0,2% frente ao mês anterior, na série livre de influências sazonais, após ficar praticamente estável nos três últimos meses: 0,0% em março, -0,1% em abril e 0,1% em maio. Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral apontou variação negativa de 0,1% entre os trimestres encerrados em maio e junho, após ficar praticamente estável por vários meses, e assinalou o primeiro resultado negativo desde julho de 2009. Ainda na série com ajuste sazonal, no índice trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o pessoal ocupado na indústria repetiu no segundo trimestre do ano (0,0%) o patamar do primeiro, após sete trimestres seguidos de taxas positivas, período em que acumulou ganho de 5,7%.



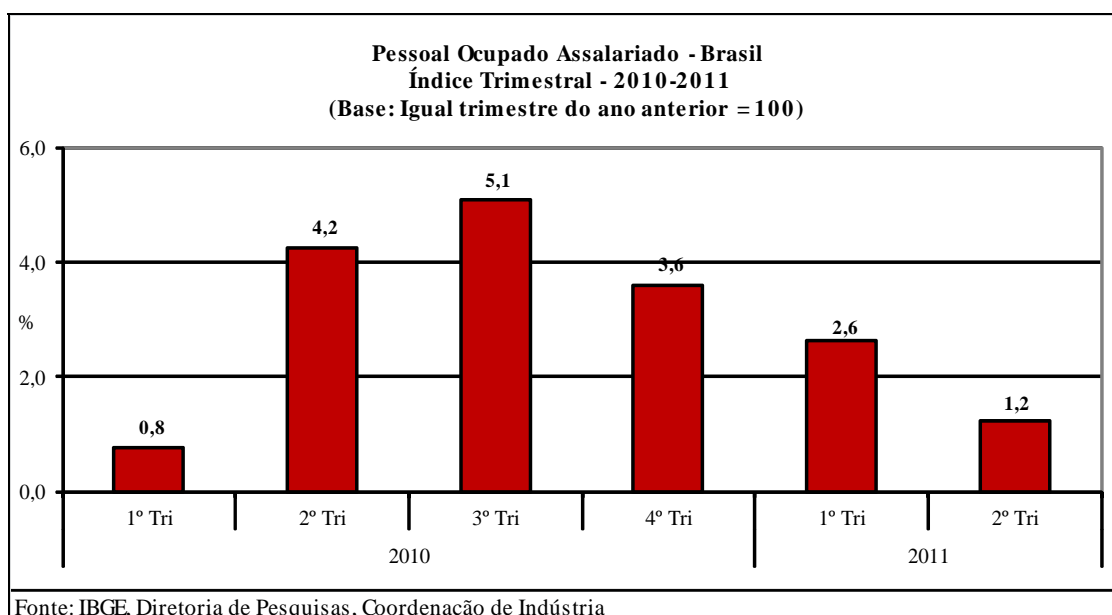
Frente a junho de 2010, o emprego industrial avançou 0,7%, décima sétima taxa positiva consecutiva nesse tipo de comparação, mas a menos intensa dessa sequência. No fechamento do primeiro semestre de 2011 observou-se expansão de 1,9% no confronto com igual período do ano anterior. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos doze meses, permaneceu apontando expansão (3,1%), mas prosseguiu com a trajetória de redução no ritmo de crescimento iniciada em fevereiro último (3,9%).

A expansão de 0,7% no índice mensal de junho de 2011 mostrou nove dos quatorze locais e dez dos dezoito setores investigados ampliando as contratações na indústria. Entre os locais, as principais contribuições positivas para o resultado global vieram do Paraná (6,4%), Rio Grande do Sul (2,5%), Minas Gerais (2,1%), região Nordeste (1,7%) e região Norte e Centro-Oeste (2,2%). Na indústria paranaense, os ramos que mais contribuíram para a expansão do emprego industrial foram alimentos e bebidas (15,1%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (29,2%), outros produtos da indústria de transformação (16,6%), produtos de metal (19,0%) e meios de transporte (13,4%). No Rio Grande do Sul, destacaram-se positivamente os setores de alimentos e bebidas (10,9%), máquinas e equipamentos (6,9%) e produtos de metal (9,3%), enquanto na indústria mineira sobressaíram as atividades de meios de transporte (7,3%), metalurgia básica (7,3%), máquinas e equipamentos (8,3%) e borracha e plástico (12,7%). Nas indústrias das regiões Nordeste e Norte e Centro-Oeste, os impactos mais relevantes vieram de alimentos e bebidas (2,7%) e minerais não metálicos (9,6%), no primeiro local, e de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (40,8%) no segundo. Por outro lado, São Paulo, com queda de 1,5%, apontou a principal pressão negativa no total nacional, refletindo em grande parte as perdas vindas de papel e gráfica (-20,8%) e de vestuário (-7,9%).

Setorialmente, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, os destaques ficaram com os ramos de alimentos e bebidas (3,2%), meios de transporte (7,0%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (7,0%), outros produtos da indústria de transformação (5,2%), máquinas e equipamentos (3,0%) e metalurgia básica (4,4%). Por outro lado, as atividades de papel e gráfica (-10,1%), calçados e couro (-5,4%), madeira (-11,2%) e vestuário (-3,5%) apontaram as pressões negativas mais importantes sobre o total da indústria neste mês.

O emprego industrial mostrou crescimento de 1,2% no segundo trimestre de 2011, após também registrar taxas positivas em todos os trimestres do ano passado (0,8%, 4,2%, 5,1% e 3,6%), todas as comparações contra igual

trimestre do ano anterior. O movimento de redução no ritmo das contratações entre o primeiro (2,6%) e o segundo trimestre de 2011 teve perfil disseminado, atingindo quatorze setores e doze locais, com destaque para: produtos de metal (de 8,2% para 3,4%), têxtil (de 3,2% para -1,4%), calçados e couro (de -0,2% para -3,7%), máquinas e equipamentos (de 6,4% para 3,8%), borracha e plástico (de 3,8% para 0,7%), minerais não metálicos (de 4,1% para 1,9%) e madeira (de -5,6% para -9,9%), entre os ramos; e Santa Catarina (de 2,7% para 0,4%), São Paulo (de 1,4% para -0,9%), região Norte e Centro-Oeste (de 4,4% para 2,4%), Espírito Santo (de 1,0% para -1,0%) e Rio de Janeiro (de 3,0% para 1,3%), entre as áreas investigadas.

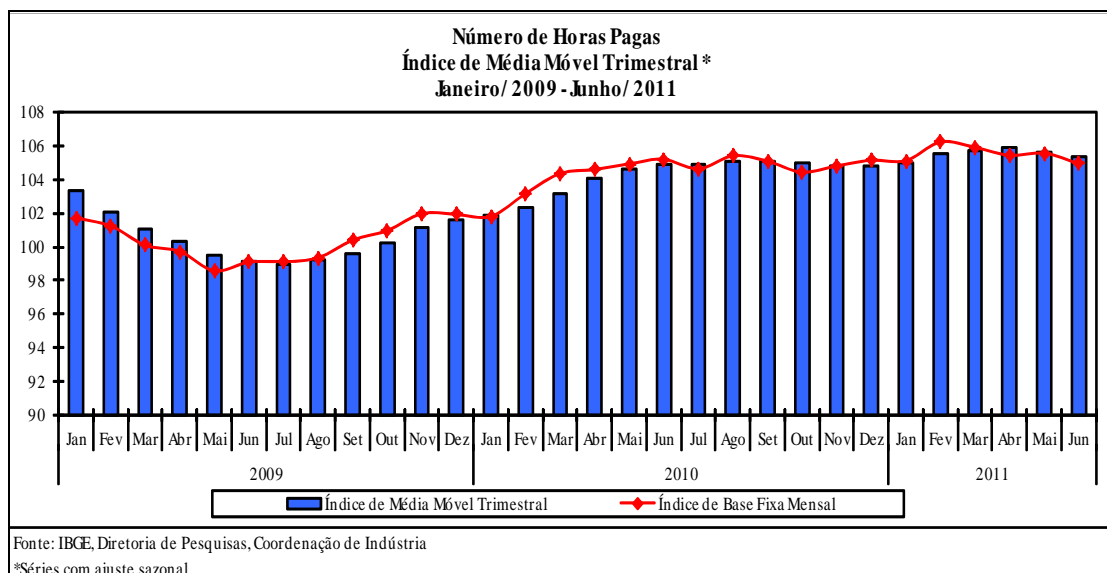


No fechamento do primeiro semestre do ano, o emprego industrial assinalou expansão de 1,9%, com doze locais e doze ramos ampliando o contingente de trabalhadores. Setorialmente, as contribuições positivas mais relevantes vieram de meios de transporte (7,9%), alimentos e bebidas (2,4%), máquinas e equipamentos (5,1%), produtos de metal (5,7%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,3%) e metalurgia básica (7,4%), enquanto papel e gráfica (-9,0%), vestuário (-3,1%), madeira (-7,8%) e calçados e couro (-2,0%) exerceram os principais impactos negativos. No corte regional, os destaques positivos ficaram com Paraná (4,6%), Minas Gerais (3,3%), região Nordeste (2,6%), região Norte e Centro-Oeste (3,4%) e Rio Grande do Sul (3,0%). São Paulo, estado com maior peso

na estrutura do emprego industrial no país, mostrou ligeira variação positiva (0,2%) no índice acumulado no ano, enquanto o Ceará, ao recuar 0,6% frente aos seis primeiros meses do ano passado, foi o único local que apontou queda no total do pessoal ocupado.

NÚMERO DE HORAS PAGAS

Em junho de 2011, o número de horas pagas aos trabalhadores da indústria, já descontadas as influências sazonais, apontou queda de 0,6% frente ao mês imediatamente anterior, após registrar recuos de 0,3% em março e de 0,5% em abril e ficar próximo à estabilidade em maio (0,1%). Com esses resultados, o índice de média móvel trimestral mostrou variação negativa de 0,3% na passagem dos trimestres encerrados em maio e junho, assinalando, assim, a segunda taxa negativa consecutiva período em que acumulou perda de 0,5%. Ainda na série com ajuste sazonal, na comparação trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o número de horas pagas recuou 0,4% no segundo trimestre do ano, após assinalar expansão de 0,9% nos três primeiros meses de 2011.



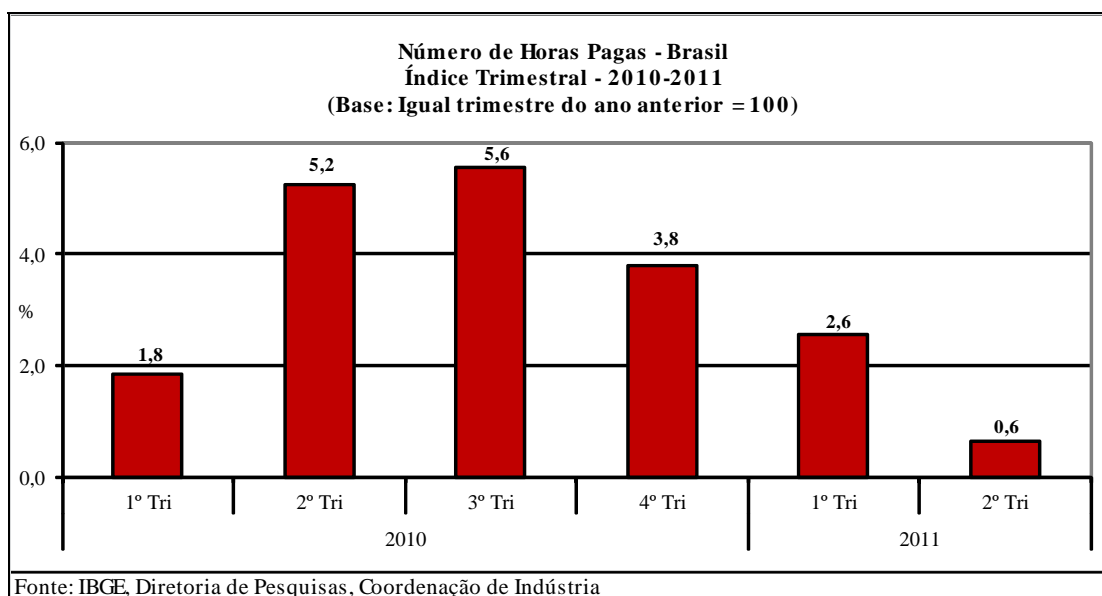
No confronto com igual mês do ano anterior, o número de horas pagas ficou estável (0,0%) em junho de 2011, após dezesseis taxas positivas consecutivas nesse tipo de comparação. O índice acumulado no primeiro semestre do ano atingiu expansão de 1,6%, desacelerando o ritmo de crescimento frente aos meses anteriores. A taxa anualizada, índice

acumulado nos últimos doze meses, registrou aumento de 3,1% em junho de 2011, mas permaneceu apontando avanços menos intensos desde fevereiro último (4,5%).

Em junho de 2011, o número de horas pagas ficou estável (0,0%) em relação a igual mês do ano anterior, com a maior parte (8) dos quatorze locais pesquisados apresentando taxas positivas. As principais influências positivas sobre o total do país foram observadas na região Nordeste (1,8%), apoiado em grande parte no aumento do número de horas pagas nos setores de alimentos e bebidas (5,1%), minerais não metálicos (11,2%) e meios de transporte (23,0%); e na região Norte e Centro-Oeste (2,3%), explicado pelos ganhos vindos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (41,5%), outros produtos da indústria de transformação (34,0%) e produtos de metal (18,3%). Vale mencionar também as contribuições positivas observadas em Pernambuco (8,0%), em função, principalmente, dos avanços registrados em alimentos e bebidas (12,8%) e meios de transporte (61,9%); Minas Gerais (1,6%), devido à expansão verificada em borracha e plástico (19,3%), meios de transporte (6,4%) e metalurgia básica (7,3%); e Rio Grande do Sul (1,7%), por conta dos ramos de alimentos e bebidas (10,5%), de máquinas e equipamentos (6,9%) e de meios de transporte (8,8%). Por outro lado, São Paulo (-2,1%) exerceu o principal impacto negativo no total do número de horas pagas, pressionado em grande parte pelas atividades de papel e gráfica (-22,4%), vestuário (-10,3%) e produtos de metal (-6,1%).

Setorialmente, ainda na comparação com igual mês do ano anterior, o número de horas pagas cresceu em onze dos dezoito setores pesquisados, com as maiores contribuições positivas vindas de meios de transporte (5,8%), alimentos e bebidas (1,6%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (5,6%), máquinas e equipamentos (3,9%), outros produtos da indústria de transformação (5,9%) e borracha e plástico (2,0%). Por outro lado, papel e gráfica (-11,3%), calçados e couro (-7,0%), madeira (-11,5%), vestuário (-3,9%) e têxtil (-4,2%) foram as atividades que exerceram os impactos negativos mais significativos no total nacional.

Em bases trimestrais, o número de horas pagas apontou variação positiva de 0,6% no segundo trimestre de 2011 e manteve a trajetória descendente observada a partir do terceiro trimestre de 2010 (5,6%), ambas as comparações contra igual período do ano anterior. Os resultados do último trimestre de 2010 e do primeiro deste ano foram, respectivamente, 3,8% e 2,6%. A perda de dinamismo do número de horas pagas entre o primeiro e o segundo trimestres de 2011 foi acompanhada por quatorze setores e treze locais. Entre as atividades, as maiores perdas de ritmo entre os dois períodos foram registradas em produtos de metal, que passou de 8,2% para 2,4%, têxtil (de 4,1% para -2,3%), calçados e couro (de -1,3% para -5,6%) e minerais não metálicos (de 5,1% para 1,4%), enquanto, entre os locais, Espírito Santo (de 3,4% para -0,1%), Santa Catarina (de 2,4% para -0,4%), São Paulo (de 1,3% para -1,5%) e região Norte e Centro-Oeste (de 5,3% para 3,2%) foram os que mais desaceleraram entre os dois períodos.



O índice acumulado no primeiro semestre de 2011 mostrou expansão de 1,6% frente a igual período do ano anterior, com taxas positivas em doze dos quatorze locais e em onze dos dezoito ramos investigados. No corte setorial, as principais pressões positivas no total do número de horas pagas vieram de meios de transporte (7,3%), máquinas e equipamentos (5,4%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (7,1%), alimentos e bebidas (1,9%), produtos de metal (5,2%), outros produtos da indústria de

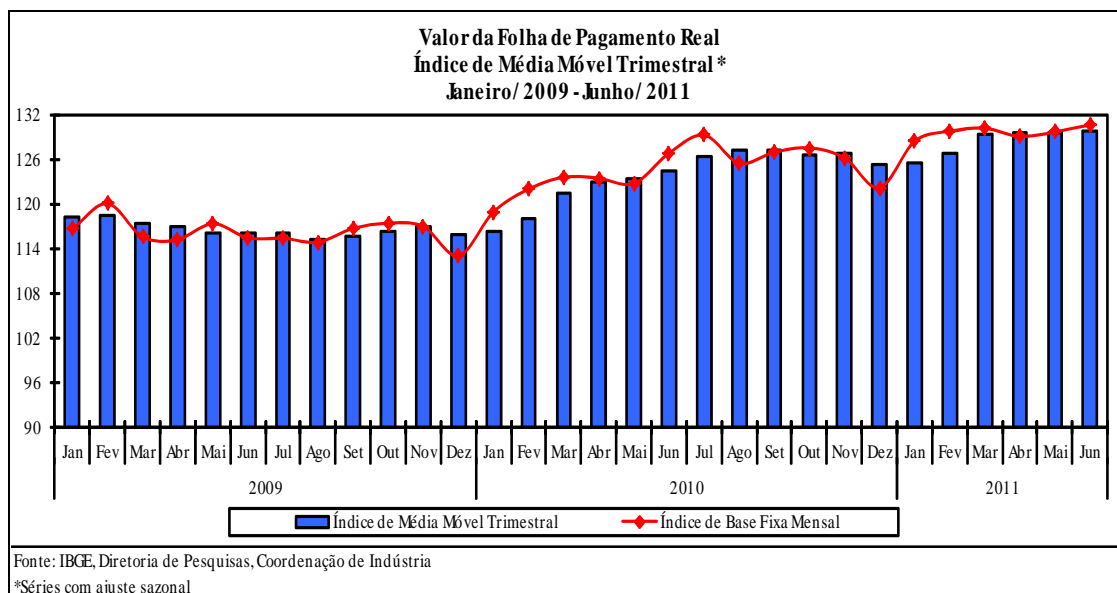
transformação (5,3%) e metalurgia básica (6,5%), enquanto papel e gráfica (-10,0%), vestuário (-3,4%), madeira (-7,8%) e calçados e couro (-3,5%) assinalaram os maiores impactos negativos sobre a média da indústria. Entre os locais, as influências positivas mais relevantes vieram da região Norte e Centro-Oeste (4,2%), Minas Gerais (3,3%), região Nordeste (1,9%), Paraná (3,1%) e Rio Grande do Sul (2,3%), impulsionados, em grande parte, pelos aumentos no número de horas pagas nos ramos de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (35,1%) e produtos de metal (34,1%), no primeiro local, meios de transporte (6,9%), borracha e plástico (20,3%) e produtos de metal (7,3%), em Minas Gerais, minerais não metálicos (9,5%) e alimentos e bebidas (2,1%), na região Nordeste, máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (28,7%), alimentos e bebidas (4,9%) e produtos de metal (20,2%), no Paraná, e alimentos e bebidas (9,0%) e máquinas e equipamentos (7,4%) no Rio Grande do Sul. Por outro lado, Ceará (-2,9%) e São Paulo (-0,1%) assinalaram os únicos resultados negativos no índice acumulado no ano, pressionados, sobretudo, pela queda observada em calçados e couro (-13,2%), no primeiro local, e em papel e gráfica (-20,0%) e vestuário (-12,5%), no segundo.

Em síntese, a predominância de taxas negativas no número de horas pagas e no emprego industrial nos últimos meses, refletiram sobretudo o menor dinamismo da produção industrial observado desde o final do primeiro trimestre do ano. A evolução do índice de média móvel trimestral reforça o quadro de menor intensidade no mercado de trabalho, uma vez que o número de horas pagas registrou a segunda redução consecutiva nesse tipo de indicador e o emprego industrial, após ficar praticamente estável por vários meses, apontou o primeiro resultado negativo desde julho de 2009. Ainda na série com ajuste sazonal, índice trimestre contra trimestre imediatamente anterior, as duas variáveis também mostraram no segundo trimestre do ano sinais de comportamento mais moderado, com o número de horas pagas assinalando queda de 0,4% e o emprego industrial repetindo o patamar (0,0%) do primeiro trimestre.

Nas comparações contra iguais períodos de 2010, os resultados permaneceram positivos no índice mensal, no segundo trimestre do ano e no fechamento do primeiro semestre de 2011, mas com clara redução na magnitude do crescimento frente ao observado nos meses anteriores, embora com predomínio de taxas positivas para a maior parte dos locais e dos segmentos investigados.

FOLHA DE PAGAMENTO REAL

Em junho de 2011, o valor da folha de pagamento real dos trabalhadores da indústria cresceu 0,7% em relação ao mês imediatamente anterior, série com ajuste sazonal, após avançar 0,5% em maio. O índice de média móvel trimestral mostrou variação positiva de 0,1% entre os trimestres encerrados em maio e junho, após ficar estável no mês anterior (0,0%), mas com ganho acumulado de 3,6% desde dezembro de 2010. Ainda na série ajustada sazonalmente, no confronto trimestre contra trimestre imediatamente anterior, o valor da folha de pagamento real apresentou acréscimo de 0,3% no segundo trimestre do ano, após crescer 3,3% nos três primeiros meses do ano.



No confronto com iguais períodos do ano anterior, o valor da folha de pagamento real cresceu 3,6% em junho de 2011 e 5,5% no acumulado dos seis primeiros meses de 2011. A taxa anualizada, índice acumulado nos últimos

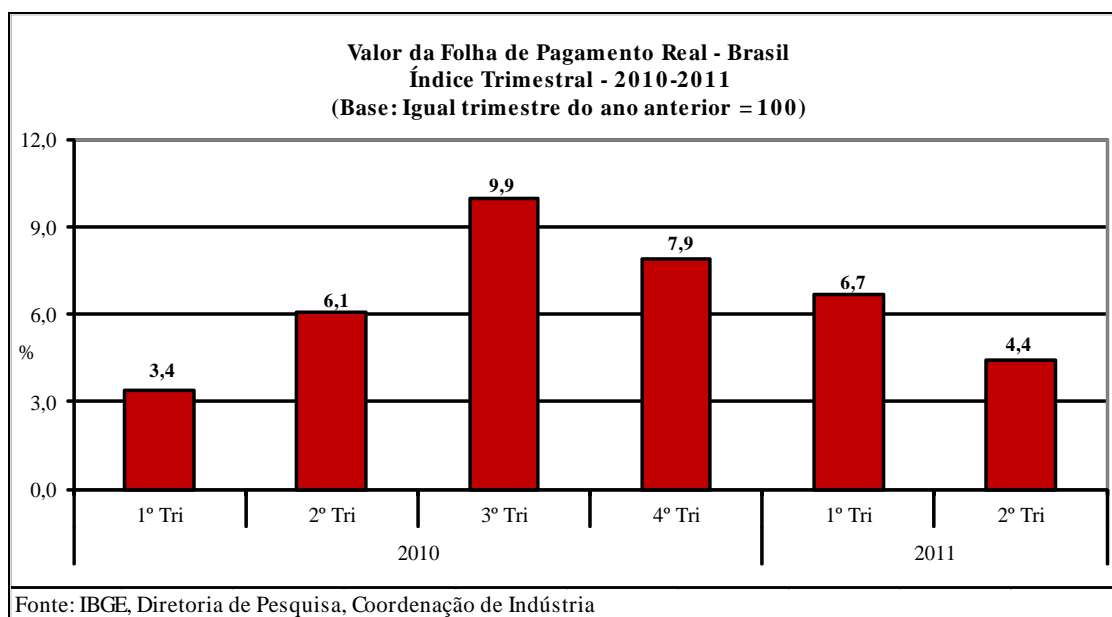
doze meses, mostrou ligeira redução no ritmo de crescimento, ao passar de 7,6% em maio para 7,2% em junho.

No índice mensal, o valor da folha de pagamento real avançou 3,6% em junho de 2011, com resultados positivos em todos os quatorze locais pesquisados. O principal impacto sobre a média global veio de Minas Gerais (11,7%), impulsionado pelo aumento no valor da folha de pagamento real em meios de transporte (41,5%), por conta do pagamento de participação nos lucros e resultados em importante empresa do setor, metalurgia básica (9,1%) e máquinas e equipamentos (17,4%). Vale citar também as taxas positivas vindas do Paraná (8,0%), pressionado pelos avanços nos setores de alimentos e bebidas (11,5%) e de máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (44,0%); região Nordeste (6,3%), por conta de alimentos e bebidas (7,8%) e de meios de transporte (37,5%); e região Norte e Centro-Oeste (5,9%), decorrente das influências positivas observadas em máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (26,6%), alimentos e bebidas (3,9%) e indústrias extrativas (10,8%).

Setorialmente, ainda no índice mensal, o valor da folha de pagamento real apontou crescimento em onze dos dezoito setores industriais, com destaque para meios de transporte (11,0%), alimentos e bebidas (7,3%), máquinas e equipamentos (4,7%), metalurgia básica (7,9%), máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (6,3%) e indústrias extrativas (6,1%). Por outro lado, papel e gráfica (-10,3%), calçados e couro (-6,4%) e vestuário (-3,4%) exerceram os principais impactos negativos na média global.

Na análise trimestral, o valor da folha de pagamento real reduziu o ritmo de crescimento na passagem do primeiro (6,7%) para o segundo trimestre do ano (4,4%), movimento que vem ocorrendo desde o terceiro trimestre de 2010 (9,9%), todas as comparações contra igual período do ano anterior. A perda de dinamismo no valor da folha de pagamento real entre os dois primeiros trimestres de 2011 está presente em treze dos dezoito ramos e em onze dos quatorze locais. Entre os setores que mostraram perda de

dinamismo, destacaram-se: produtos químicos, que passou de um crescimento de 8,1% para uma queda de 1,2%, máquinas e equipamentos (de 12,2% para 7,6%) e produtos de metal (de 9,7% para 3,3%). Entre os locais, os que apresentaram maior redução entre os dois primeiros trimestres do ano foram: Espírito Santo (de 7,4% para -2,0%); Rio de Janeiro (de 8,6% para 4,5%) e Santa Catarina (de 6,5% para 2,7%).



O índice acumulado nos seis primeiros meses do ano do valor da folha de pagamento real avançou 5,5%, com resultados positivos em todos os quatorze locais. As principais influências sobre o total nacional vieram de São Paulo (3,8%), Minas Gerais (11,8%), Paraná (8,3%), região Nordeste (6,0%) e Rio de Janeiro (6,5%). Nestes locais, os setores que mais pressionaram positivamente o valor real da folha de pagamento foram, respectivamente, meios de transporte (10,7%) e máquinas e equipamentos (9,1%); meios de transporte (21,9%), metalurgia básica (13,3%) e indústrias extrativas (16,3%); meios de transporte (16,0%) e alimentos e bebidas (11,5%); alimentos e bebidas (7,9%) e meios de transporte (24,1%); indústrias extrativas (9,3%) e meios de transporte (8,9%).

Em termos setoriais, ainda no índice acumulado do primeiro semestre do ano, treze atividades aumentaram o valor da folha de pagamento real, com destaque para os impactos positivos assinalados por meios de transporte (12,1%), máquinas e equipamentos (9,9%), alimentos e bebidas (5,4%),

máquinas e aparelhos eletroeletrônicos e de comunicações (8,3%), metalurgia básica (8,2%), produtos de metal (6,4%) e indústrias extrativas (6,8%). Em sentido oposto, a influência negativa mais relevante sobre a média global veio do ramo de papel e gráfica (-9,8%).